

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 639	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3500	1800	850	5120	25 DE SETEMBRO DE 1896	Lisboa, L. do Povo Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Possessões ultramarinas (idem)...	4500	2200	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Extrang. (união geral dos correios)	5500	2800	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Para segunda feira, 21, estava, dizem, annunciado por Noherlesoom um furiosissimo temporal. Na vespéra á noite appareceu no céu uma nuvemzinha pequenina, branca, muito branca, que o vento norte impelliu para a lua. O luar poz-lhe um circulosinho opalino de luz iriada, e logo a lua continuou triumphante a sua marcha pelo céu azul, sem mancha.

E nada mais houve com respeito a mão tempo. Quantas vezes é assim na vida, quantos temporaes annunciados que nunca hão de chegar! Todos nós temos cá dentro um Noherlesoominho agourento a prever desastres e semsaborias. Para quê? E que mão sestro!

A verdadeira philosophia consiste em gosar quanto possível do presente, e lembrar-se a gente de que o bocadinho em que se está só é mão pelo temor do bocadinho que ha de vir e que muitas vezes não vem.

Dias ha em que o tal Noherlesoom dos nossos peccados, o titeresinho cá de dentro, começa a sonhar coisas grandiosas, castellos opulentos como os das nuvens ao sol posto. E ahí nos ficamos nós a desejar o futuro, que tanto tememos ao mesmo tempo!

Ora a verdade é que este presente já foi futuro, e por isso desejado ou temido, e um dia ha de ser passado e nos ha de fazer saudades!

Estamos no outomno, no tempo que mais teem cantado os poetas melancolicos. Melancolias! Saudades do verão, esperanças para o inverno! Dentro em pouco, começam por todos esses jardins a florescer os chrysanthemos de milhares de formas, as despedidas, como d'antes se lhes chamava, nome tanto mais lindo, sem ch, sem jr, sem th, sem nada d'aquillo barbaro, que tanto deslumbra pedante-se massadores. São já curtos os crepusculos e frias as madrugadas. O outomno está para o anno como para o dia a hora das ave-marias.

Com suas companhias reorganisadas abriram já dois theatros, o do Gymnasio e o da Rua dos Condes. N'aquelle, no espectáculo de estreia, o publico applaudiu delirantemente o velho Taborda de glorioso passado; n'este foi Angela Pinto, radiante de mocidade e talento, a rainha da festa. De novo, a gratidão por horas felizes vindouras, commoveram o publico. Taborda, entre duas comédias, *Os primos* e *Uma festa de inauguração* recitou *O Ventura*, o bom velhote com aquella graça unica, naturalidade genial, que fazem da nossa velha e querida gloria uma das maiores glorias, senão a maior, do theatro moderno. Angela Pinto representou pela primeira vez em Lisboa *A Cigarra*, um dos mais bonitos vaudevilles do enorremissimo, mas geralmente banal, repertorio francez. *A Cigarra* é uma peça encantadora, parecendo feita para pôr em evidencia os recursos da actriz encarregada do papel de protagonista. Foi dezenas de vezes representada em Lisboa por Lucinda do Carmo, cujo talento para este genero de peças é hoje incontestavel. Angela Pinto houve-se de maneira e merecer no decorrer da comédia varias repetições da ovação com que foi acolhida á sua entrada em scena.

Vão agora na Rua dos Condes fazer *reprises* do *Champagnol*, em que se estreará, supponho, a

gentil Mercedes Blasco, e do *Solar dos Barrigas* que foi a peça que maior nome deu á Angela.

Do café já desapareceu o piano e o orgão em que o Militão, entre dois copos, deixava correr os dedos de artista, tocando do seu vastissimo repertorio o que cada um lhe pedia, trechos de operas italianas, francezas, allemãs, hespanholas, valsas de Chopin, melodias de Schubert, nocturnos de Field, sonatas de Mozart, Beethoven, Haydn e Haendel.

O Militão é um typó, com as suas barbas enormes, cabelleira cahindo-lhe sobre os hombros, a pequenina luneta no nariz pequenino. Era o companheiro do Sergio no café da Mouraria, tão bem

descripto por Fialho de Almeida n'um dos primeiros numeros dos *Gatos*, e foi de então que lhe veio a celebridade.

Com uma instrucção variadissima, conversando á vontade sobre milhares de assumptos, a sua vocação para a musica levou-o a estudar com amor a arte, talvez de todas a mais difficil. De genio irrequieto, falador como um bom algarvio, enthusiasma-se quando discursa sobre o assumpto que lhe é mais caro, sabendo perfeitamente discernir o genio entre todos os cosinheiros de logares communs.

Deu este verão comsigo no café da Rua dos Condes, onde todas as noites os frequentadores



FERNÃO DE MAGALHÃES — DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

I

enchiam as mesas para ouvi-lo, enquanto, de quando em quando, estoiravam as rolhas das garrafas do excellent Chateau-Bordeaux, admiravelmente fabricado por Grandella. Este, que já era um dos primeiros commerciantes de Lisboa e um talentoso industrial, quiz ser vinicultor e ha de sel-o de primeira ordem.

Ali com o Militão se passavam bem algumas horas d'estes mezes tão tristes e enfadonhos na capital. Afóra a feira de Belem com as suas eternas queijadeiras, quinquilherias, pim-pam-puns e theatros, apenas, aos domingos, uma ou outra toirada vinha quebrar a monotonia dos dias abraçadores.

Poucas houve notaveis. Mais que todos está despertando interesse a que está annunciada para domingo, 27, na Praça do Campo Pequeno.

Trabalharão n'essa tarde Bombita-Chico e Pulguita com a sua quadilha completa de bandariheiros e picadores.

Bombita-Chico, attendendo á sua pouca idade é um verdadeiro phenomeno, pois que para elle já não ha segredos na arte de tourear, em que se acha superior a muitos espadas de velha reputação.

Appareceu agora em França um novo defensor das toiradas, Camillo Pelletan, classificando de meras declamações rethoricas o que contra ellas se tem escripto e, a esse proposito, recordando o espirituoso monologo do toiro, que Vacquerie introduziu no seu poema *Faust*. Esse admittia perfeitamente que o homem o matasse para o converter em *roast-beef*. . . porque era útil!

Era tambem attendendo a essa utilidade, que um dia um preto do sertão queria combinar um almoço com um missionario, seu conhecido.

— Mas quem paga? Sou eu? perguntou o padre.

— Não, respondeu o selvagem.

— E você?

— Também não.

— Mas alguma coisa hei de eu ser n'esse almoço, ou convidado ou quem o pague.

— Você. . . é o almoço!

Mas o missionario e que não esteve de acordo, como o toiro de Vacquerie.

As toiradas tambem se vão despedindo até para o anno, e por todas as praças se annunciam as ultimas.

O verão diz nos adeus, tendo deixado em Lisboa pouco que falar de si.

A ultima novidade foi a questão na imprensa a respeito do concurso para o acabamento dos Jeronymos, egreja e annexo. O que tira a questão a importancia e que tal obra, provavelmente, nunca se fará e o caso se limita a uma simples discussão na imprensa ou nos tribunaes entre a severidade d'um critico e o azedume d'um artista.

O que é deversas para de-sejar, que se effectuem ou não as festas do centenario de Vasco da Gama, é que quanto antes, custe o que custar, haja os inconvenientes que houver, seja retirado das proximidades da Torre de Belem aquelle sacrilego gnometro, que demonstra a quem mal aponta a barra, que vai entrar n'um paiz de barbaros e de ineptos. Aquelle monstro negro de ferro representa um crime idiota. Achamos isto muito mais urgente do que tudo o que queiram fazer no velho templo já tão damnificado das reparações e melhoramentos.

Entretanto bom é que a imprensa se occupe d'este e d'outros assumptos importantissimos com cuja discussão todos temos a lucrar, deixando-se de continuar lisongeando vãs curiosidades, como geralmente o faz, procurando sobretudo organizar o seu serviço de reportagem.

Ha dias alguns jornaes de Lisboa publicaram novamente o retrato do Lobo, um desgraçado doído, assassino e incendiario, ultimamente fellecido na Penitenciaria. Para que? Quem lucra com isso? Não haverá talvez algum perigo n'essa publicação dos crimes, n'essa celebridade dada aos criminosos? Não deveria talvez a imprensa proceder com estes, como entendeu conveniente fazer-o com os suicidas?

Lembrem-se de que, ha já muitos seculos, no tempo em que ainda não havia jornaes, largou logo ao templo de Diana, para que nunca lhe esquecessem o nome, um celebre idiota, cujo nome me esquece.

A um dos assassinos do Marty, aquelle empreiteiro da linha de Torres Vedras degolado e esfaqueado por trez hespanhões, vimos nós o gesto, e ar mais atupalhado, quando á chegada ao logar do crime lhe quizeram tirar o retrato. E sabem o que era? Era a camisa que não estava decente.

Elle bem sabia que o ser tratante o havia de levar á posteridade. Queria ir bonito para a viagem.

João da Camara.

Primus circumdedit me. — Foste o primeiro que me circumdou. — Foi esta a divisa que Carlos V, o imperador, escreveu na esphera que encimou o brazão de Sebastião de Elcano, o afortunado piloto castelhano, que do mar do sul trouxe a S. Lucar de Barameda, a nau *Victoria*, com a noticia da descoberta das ilhas Mariannas, tendo dado a volta ao mundo.

Afortunado chamámos a Sebastião de Elcano, e que maior fortuna que colher os louros que deviam cingir a fronte de outro, a quem a sua má estrella lhe anoitou a existencia depois de o ter guiado á victoria!

E que outro podia ser que um portuguez a devassar os mares, a circumdar o globo?!

Que de empresas arrojadas; que de feitos d'armas; que de acções generosas; que de progressos das sciencias se poderão apontar na historia, que não encontreis á sua frente primeiro entre os primeiros: — o portuguez.

Ah! que até chego a duvidar se estou acordado ou sonhando, quando oiço para ahi tanto pessimismo a amesquinhar o nosso valor, a duvidar, a descrer de nós proprios!

Não ha talvez outro exemplo de uma nacionalidade assim!

Tão grande; tão prestimosa; tão brilhante, que o seu nome está escripto no mundo inteiro, pelos mares, nas ilhas, nos continentes, nos mais reconditos sertões e até nos astros — como adiante veremos — e que tão pouco julgue de si; tendo-se por fraca quando tanto é o seu valor; julgando-se pobre quando é tão rica, que tem dado prodigamente a outros e tanto ainda lhe resta para si; que tendo uma historia tão gloriosa como outra não ha, pense que não é d'ella que ha-de viver, como se fosse uma Roma cahida, que já não tem a girar-lhe nas veias o mesmo sangue com que escreveu essa historia!

Mas então o que valem os feitos dos nossos soldados, que ainda nos principios d'este seculo se batiam e levavam de vencida as legiões do primeiro capitão, que avassalava o mundo com a sua espada e que veio encontrar, n'este recanto da península, os primeiros revezes da guerra que o levaram por fim a Santa Helena: — O grande Bonaparte!; mas que valem, em nossos dias essas victorias alcançadas em Africa, que despertam a admiração do mundo; que significa ainda o triumpho que n'este momento as armas portuguezas estão alcançando na Oceania?; o que vale o resurgir das nossas artes que vão honrar o nome portuguez nos certamens onde concorrem os artistas de todo o mundo, como agora, em Berlim; que gloria nos vem de um dramathurgo portuguez Pinero (Pinheiro), em Inglaterra, alcançar os maiores triumphos nos theatros de Londres, e das suas peças percorrerem toda a America; para que or-

gular-mo-nos dos Luziadas que é um poema eterno porque canta as glorias de um povo de guerreiros e de navegadores; para que serve a expansão d'este paiz pequeno, cujos seus filhos affirmam a victualidade da patria pelas cinco partes do mundo, em colonias tão importantes como as da America, da Africa, da Oceania e da Asia; que importancia tem os nossos homens scientificos que se distinguem nos congressos onde se reúnem as summidades da sciencia; o que quer dizer essa luta da industria portugueza a medir-se com as industrias de outro paizes mais adiantados, supprindo as necessidades de um povo civilizado a que a má administração das suas finanças acarretou uma crise economica; o que importa o renascimento de um paiz que em meio seculo tem realizado todos os progressos que o approximam das nações mais cultas?

Serão proprio de uma raça degenerada, de um paiz perdido, de uma civilização extincta, todas estas manifestações de vida, affirmações de força, de luta pela existencia, sob um sol creador, n'uma terra uberrima, que se desentranha em fructos, que encerra thesauros, em suas minas, fertilisada por abundantes rios, que tem tudo que ha em outros paizes e mais o que elles não teem; que é rica, enfim, de todos os bens que a natureza possui e que Deus parece ter reunido aqui como no paraizo terreal!

E para que foi que este povo, achando-se apertado no solo que as suas espadas conquistaram, se aventurou aos mares a alçar a sua bandeira em terras até então desconhecidas, levantando imperios na India e na America, avassallando novos mundos onde a familia portugueza pôde viver como na patria porque são patria tambem de portuguezes.

Mas basta. Não ennumeremos mais o que deveria estar na lembrança de todos os filhos de Portugal, o que nunca deveriam esquecer, porque é esquecerem-se da sua nacionalidade, do que prova a sua existencia e authonomia, do que dá razão da sua vida atravez de todas as vicitudes porque tem passado.

Pois quê! se Portugal não fosse um elo importante da cadeia que liga a grande familia da humanidade, teria resistido aos embates da sorte que tantas vezes o hão experimentado?

Se elle não tivesse concorrido tão bastamente para a civilização que o mundo disfructa, como teria atravessado por entre os seculos e luctado contra as ambições de extranhos que tentaram apagar dos mappas as linhas que demarcam as suas fronteiras!

A Polonia succumbe sob o grande colosso porque a sua nacionalidade não coopera na transformação porque o mundo passa ao sahir da idade media; o mesmo acontece á Hungria. Veneza cahiu quando as novas descobertas empanam o brilho da sua navegação e do seu commercio.

Portugal existe e vive porque o ciclo da civilização de que elle lançou os primeiros segmentos ainda não se fechou.

II

Que serie de heroes encontramos ao folhear da historia, desde os que tentam as primeiras descobertas geographicas até os que fundam imperios como Affonso de Albuquerque.

Como as prôas das naus portuguezas foram deliniando na immensa taboia do Oceano os fundamentos da civilização moderna.

Os argonautas precedem os venezianos nas suas viagens; o scandinavo Leif Erik descobre tres seculos antes de Colombo a America do norte e os noruegueses estabelecem-se na Islandia; Roger Bacon e o cardeal Pedro d'Ailly esboçam os primeiros delinhamentos geographicos, mas tudo isto é nebuloso no espirito dos navegadores e cosmographos do seculo xv e faz crescer a vontade de conhecer os caminhos do mar, para chegar áquellas regiões mysteriosas de que se contavam historias da Fábula.

Christovão Colombo e Amerigo Vespucci estudam e fazem calculos para achar o caminho do Oriente de que fallia Marco Polo, e o aventureiro genovez despresado na sua patria vem offerecer a Portugal os seus serviços e pedir-lhe naus para ir á descoberta, mas não é mais feliz nas suas pretensões do que o fôra na Italia.

Já Portugal então andava tambem empenhado n'essas emprezas, e o immortal infante D. Henrique lançava, na supposta eschola de Sagres, as bases das grandes navegações e descobertas que iam seguir-se.

Ali se planeava a grande revolução geographica que se ia operar e que seria o foco de novas revoluções, nas sciencias, nas artes e no commercio, o prologo d'esta civilização que hoje nos maravilha.

Vasco da Gama, mais feliz do que Colombo encontra o caminho da India. Os seus marinheiros vencem os mares tenebrosos e quebram o encanto das sereias que se rendem ás suas canções maritimas; o indomito Adamastor respeita tão grande audacia e deixa passar adiante a frota que entra alfin no Oceano Indico.

Depois que serie de descobertas se succedem; que trabalho de civilização de novas gentes se enceta.

Os nossos arsenaes aparelham, sem cessar, naus e caravellas para novos empreendimentos. Desenvolve-se a febre da navegação; cada portuguez é um navegador. Portugal quasi se despova para ir povoar novas terras onde leve a luz da nova civilização.

Os seus capitães vão continuar para além do Atlantico a sua obra de conquista principiada em Ourique. Eram ainda o mesmo peito d'aço, o mesmo braço esforçado. A flôr da mocidade adiantava-se; os que ficavam tinham inveja dos que partiam. Vieram as emolações, as intrigas da corte, os despeitos, e quantos d'isto foram victimas, os maus, os bons.

Houve, porém, um homem na corte de D. Manuel, mais audaz por ventura que outros, que acariciava a idéa de dar a volta ao mundo por mares ainda não devassados de europeus.

Era a idéa predominante no espirito dos navegadores achar a passagem para o mar do Sul que incurtaria o caminho para a India.

Colombo já o pensára, Balboa estivera a ponto de o realizar, mas o Destino tinha escripto no seu insondavel livro que seria a um portuguez que caberia essa gloria: e esse portuguez, esse homem da corte de D. Manuel;—foi Fernão de Magalhães, que quizera enflorar na corôa de Portugal uma nova joia de alto valor, mas que o mesmo Destino quiz que a fôsse engastar na Corôa de Castella!

Colombo já o pensára, Balboa estivera a ponto de o realizar, mas o Destino tinha escripto no seu insondavel livro que seria a um portuguez que caberia essa gloria: e esse portuguez, esse homem da corte de D. Manuel;—foi Fernão de Magalhães, que quizera enflorar na corôa de Portugal uma nova joia de alto valor, mas que o mesmo Destino quiz que a fôsse engastar na Corôa de Castella!

(Continúa.)

Cactano Alberto.



AS NOSSAS GRAVURAS

O MONUMENTO DA BATALHA DO BUSSACO

Agora, que, no proximo dia 27 do corrente mez passa o 86.º anniversario da gloriosa batalha do Bussaco, que tão notavel tornou a campanha nacional de 1810 contra os exercitos invasores de Napoleão, é justo que rememoramos esse famoso combate, apresentando aos leitores o monumento, erigido em 27 de setembro de 1873, commemorativo d'essa victoria em que os portuguezes defenderam valentemente o solo da patria.

Este feito de armas obtido sobre um exercito sempre acostumado a vencer, como o era o exercito imperial entusiasmado pelas mais gloriosas recompensas, redobra de valor e de grandezza. Commandava as tropas francezas o celebre Massena a quem Napoleão enchera de favores dando-lhe o titulo de príncipe Erling e a quem chamava «o filho predilecto da victoria».

Lord Wellington, nosso alliado, aqui o venceu matando-lhe quatro mil homens entre elles o general Grandorge, e feridos os generaes Merle, Foix e Mancune. Os prisioneiros foram mais de tres mil, entre os quaes se contavam o general Simon, tres coroneis e trinta e tres outros officiaes.

Tambem commandava uma divisão franceza o valente general Nery a quem o imperador na retirada de Moscow chamou o «bravo dos bravos».

Com taes elementos, pois, necessario foi aos portuguezes e aos alliados obrarem prodigios de valor distinguindo-se, entre todos o bravissimo regimento portuguez de infantaria 8, composto, na sua maior parte, de recrutas, que deu aos francezes tão terrivel ataque de bayoneta, que decidiu a victoria a nosso favor.

Os regimentos portuguezes que entraram n'esta batalha foram: artilheria 1, 2 e 4; cavallaria, 1, 4, 7 e 10; Leal Legião Lusitana, caçadores 1, 2, 3, 4, 5, e 6; infantaria 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23.

Iniciado o inesperado ataque pelos recrutas de infantaria 8, os movimentos bem combinados d'outros regimentos e a marcha impassivel dos soldados britannicos infligem a mais completa derrota ás tropas imperiaes, que pela primeira vez eram detidas na sua carreira victoriosa.

A defeza tenaz que lhe oppozeram os portuguezes, tornou-se da mais heroica e patriótica resignação, pois que abandonavam as lares, queimavam as habitações, devastando as searas para que os invasores nada encontrassem. Não poucos eram os corpos francezes que então se achavam na península porque Napoleão queria que Portugal fosse invadido por ambos os lados do Tejo. Eram nove

os corpos imperiaes. Macdonald com o 1.º occupava a Catalunha; Suchet com o 3.º Aragão; Soult com o 1.º (Victor) o 4.º (Sebastião) e o 5.º (Mortier) a Andaluzia; Massena com o 2.º (Reynier) o 6.º (Ney) e o 8.º (Junot) devia invadir Portugal pela Beira; o 9.º (Dronet d'Erlon) formava a reserva. Muitas mais divisões havia formando a reserva.

Soult e Massena deviam conquistar Portugal, segundo o entender de Napoleão, mas não so a falta de unidade dos celebres generaes, como a valentia dos portuguezes, obstaram a essa pretensão do imperador, e um dos mais notaveis revezes soffridos pelos francezes foi a batalha do Bussaco que hoje memoramos.

ESTABELECIMENTO HYDROLOGICO DAS PEDRAS SALGADAS

Entre as muitas riquezas naturaes do nosso solo, uma das mais preciosas, é por sem duvida a das aguas, que não tem inveja das mais proporcionadas do mundo.

As aguas alcalinas, as ferruginosas, as lithicas, as arsenicaes, as gazoas, as sulphurosas, de todas ha abundancia no paiz, umas aproveitadas para o tratamento de doenças, outras desprezadas ou desconhecidas.

Muitos são os estabelecimentos hydrologicos onde hoje em Portugal se acham aproveitadas as suas melhores aguas thermaes, e d'esses, um dos mais importantes e notaveis é o das Pedras Salgadas, tanto pela riqueza das nascentes exploradas e superioridade das suas propriedades medicinas, como pelas commodidades e luxo do edificio de hospedagem e de tratamento dos doentes, acrescentando ainda a estas magnificas condições, a belleza do local, onde a vegetação abunda e as arvores dão frescas sombras.

As aguas das Pedras Salgadas tem obtido honrosos premios, nas exposições de Vienna d'Austria, de Philadelphia, de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro; e mais e melhor do que tudo isso, tem sido aproveitadas por milhares de doentes, nacionaes e estrangeiros que hem dizem do uso que d'ellas tem feito.

A diabete, a gotta, a despepsia, a albuminuria, e tantas outras enfermidades que affligem a humanidade, tem sido fortemente combatidas por estas aguas, alcançando se os melhores resultados.

IZABEL DE INGLATERRA

DECRETANDO A MORTE DE MARIA STUART

Apresentando ao leitor o notavel quadro de Mayer, que representa Izabel de Inglaterra decretando a morte de Maria Stuart, rainha da Escocia, corre-nos a obrigação de em breves palavras inteirar o leitor dos factos que originaram este acontecimento historico tão divulgado, é verdade, mas ainda mal posto a limpo.

Fallar de Maria Stuart é synthetisar na sua figura formosa todas as grandezas, todas as paixões, o fanatismo que agitaram o seculo xvi, esse seculo considerado o maior de toda a historia. Magno assumpto, tratado em mil tragedias e romances, em que Schiller buscou inspiração para a sua melhor obra, e em que tantos escriptores procuraram idealisar.

O duro captiveiro que soffreu a infeliz rainha da Escocia, o seu tragico fim, valeram-lhe uma sympathia persistente. Os poetas e os romancistas procurando attenuar as suas faltas contribuíram para que fosse considerada como uma victima. Mas os estudos historicos, feitos á luz da critica quebraram muito a intensidade d'essa sympathia.

Mas diga-se o que disser, todo o coração bem formado tomará o partido de Maria Stuart. Já Walter Scott o affirmava ajuntando que o conhecimento da verdade não inspirava este impulso esta inclinação favoravel á victima de Izabel.

A casa real dos Stuarts deu a historia o mais perfeito exemplo de uma dynastia verdadeiramente desditosa. As desventuras e infellicidades que os seus membros experimentaram desde a sua elevação até á sua queda, devem em parte ser attribuidas ao seu afeiçoamento pelo catholicismo e á inclinação hereditaria que mostraram sendo todos despotas e absolutos. A acta que estabeleceram com o feudalismo na Escocia foi-lhes funesta e mais terrivel se lhes tornou quando exerceram o despotismo no solo independente da Inglaterra.

Mas deixemos a abstracção da dynastia para só tratar do mais desventurado de todos os seus membros.



MONUMENTO DA BATALHA DO BUSSACO

A morte de Jayme V da Escóssia, esposo de Maria de Guise, sucedida em 16 de dezembro de 1542, oito dias depois do nascimento de sua filha Maria Stuart, permitiu que Henrique VIII, rei de Inglaterra, retomasse as suas antigas pretensões de dominar a Escóssia, pretensões que seu filho Eduardo VI igualmente sustentou.

Quando os escossezes já vencidos em Punkey estavam para sofrer o jugo do mais forte, o conde de Arran, que governava o reino, durante a menoridade de Maria Stuart, invocou a protecção da França, e, para alimentar mais a união das duas corôas, ajustou o casamento com o delphim, filho do rei de França Henrique II, o qual subiu ao throno com o nome de Francisco II.

Maria Stuart apenas brilhou um anno no throno francez. Dizemos brilhou porque os contemporaneos descrevem que aos dezete annos, idade em que casou, estava no apogeu da sua belleza, desenvolvida e cheia de formosura, olhos brilhantes e cabellos de cor de ouro, tinha as mãos mais lindas do mundo, a voz mais doce, o espirito fino e gracioso; as suas graças começaram evidenciando a distincção da sua figura que ainda em creança já era, de veras, seductora.

Perdendo o esposo, em 5 de dezembro de 1560, e sendo detestada por sua sogra Catharina de Medicis, resolveu voltar a Escóssia, então dilacerada por continuas revoltas e onde a Inglaterra semeava frequentemente as discordias e intrigas esperando, d'essa forma, obter

mui facilmente a posse do paiz que tanto ambicionava.

Durante o ephemero reinado que desfructou em França, Maria Stuart cometteu para com os seus subditos, na Escóssia, alguns actos da mais grave imprudencia.

Por um contracto secreto doara a corôa da Escóssia aos reis de França, com a condição de a defenderem dos inglezes; por um outro concedera o usufructo do reino da Escóssia ao rei de França até que este se embolsasse das despesas feitas com a defeza.

Ao principio, Maria Stuart, mostrou-se conciliadora e ganhou muitas sympathias; tendo, porém, casado com seu primo Darnley, filho do conde de Lennox, este enlace causou grande descontentamento, havendo entre os dois esposos differenças e zelos que se accentuaram quando Maria Stuart, encetando relações amorosas com o conde Bothwell, tratou com elle a morte do marido, o que se realisou em 10 de fevereiro de 1567.

A voz publica accusou os dois amantes da morte de Darnley, porém Bothwell, depois de um processo, em que foi absolvido, casou com a rainha da Escóssia.

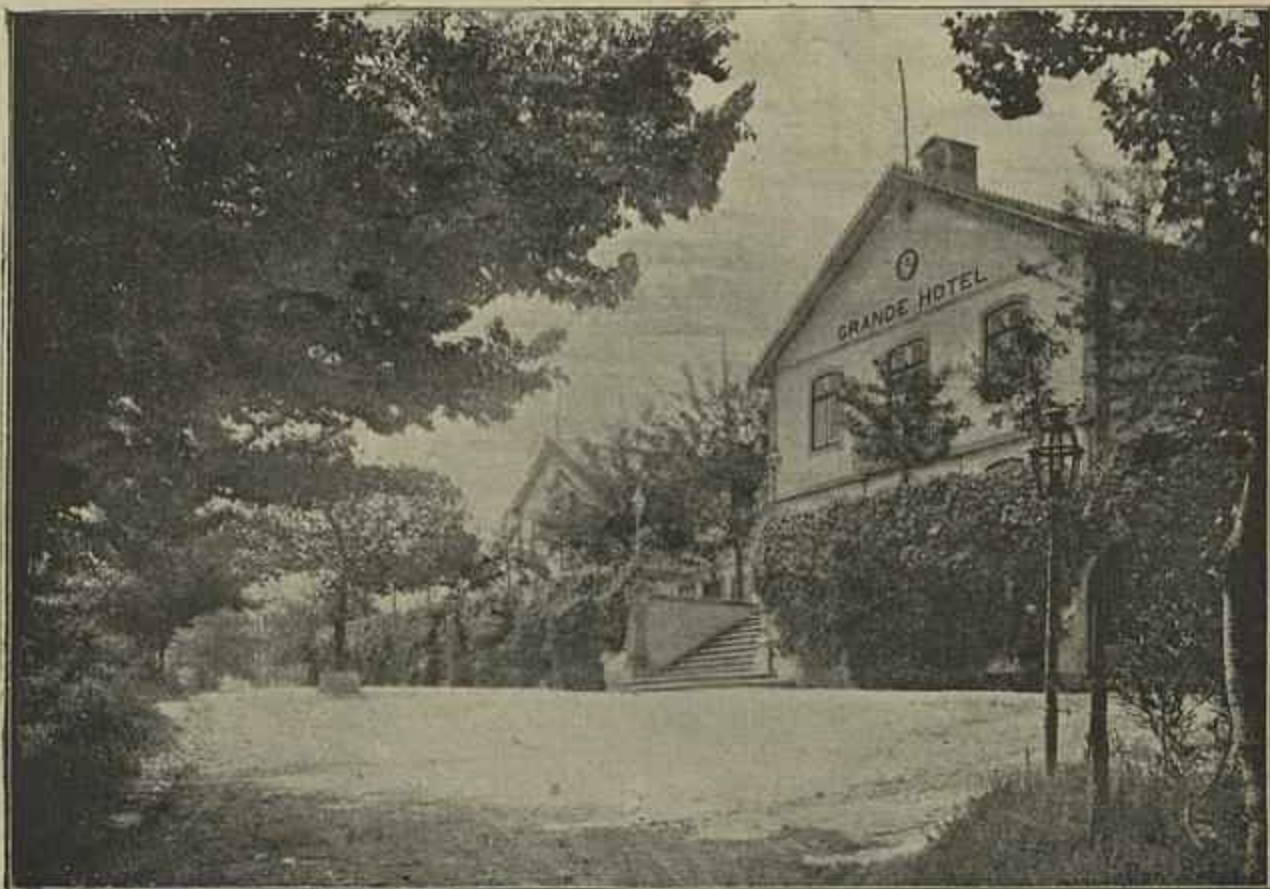
Rebentou então a revolta, e sendo o exercito real derrotado, perto de Edimburgo, foi Maria Stuart levada para o castello de Lochleven onde foi entregue a guarda de Margarida Douglas que fora amante de seu pae. Depois de ser forçada a assignar uma abdicação a favor de seu filho Jayme I de Inglaterra, conseguiu escapar-se protegida por um filho de lady Douglas e, declarando nulla essa abdicação forçada, reuniu, em 1568, algumas tropas que foram desbaratadas em Longside. Então, Maria Stuart, vendo, assim, perdidas as suas ultimas esperanças foi pedir asylo a Isabel de Inglaterra que a mandou encerrar no castello de Carlisle.

Isabel, que detestava Maria Stuart por ser catholica e por haver, quando ainda estava em França e em seguida a morte de Maria Tudor, assumido o titulo de rainha da Inglaterra e Irlanda, mandou começar contra a princeza que confiadamente lhe viera pedir hospitalidade, um processo que se tornou esmagador para Maria Stuart no crime de assassinio de seu marido.

O duque de Norfolk presidente do tribunal quiz salvar a vida de Maria e offereceu-lhe a mão de esposo, mas Isabel mandou-o prender na torre de Londres e depois matar.

Os duques de Northumberland e Westmoreland, que se revoltaram a favor da rainha da Escóssia, foram obrigados a fugir.

Finalmente, depois das conspirações de Frockmorton em 1584, de Parry em 1585 e de Babington em 1586, o parlamento declarou que seria punida com a morte qualquer pessoa que tramasse contra a vida da soberana ou promovesse qualquer rebelião, e em virtude d'essa lei, Maria Stuart que havia dezenove annos estava presa foi levada ante um tribunal e accusada de intelligencia com o rebelde Babington e condemnada a pena ultima.



ESTABELECIMENTO HYDROLOGICO DAS PEDRAS SALGADAS — O GRANDE HOTEL.



IZABEL DE INGLATERRA DECRETANDO A MORTE DE MARIA STUART — QUADRO DE MAYER

Maria Stuart foi decapitada a 8 de fevereiro de 1587, mostrando até ao ultimo instante grande serenidade digna e activa e protestando absoluta inocencia da conspiração de que a accusavam.

O nosso quadro, pois, obra de um artista tão notavel como o é Mayer, representa fielmente o caracter de Isabel de Inglaterra no acto de decretar a morte de Maria Stuart. E oh! — fraquezas humanas —, parece averiguado que o que mais lhe accendeu o immenso odio para com a sua infeliz rival foi a comparação que alguém, que lhe era caro, fez da belleza de Maria Stuart com a sua, achando aquella muito mais formosa.

RECORDAÇÕES DE MADRID

NO BUEN RETIRO

Nenhum portuguez que tenha visitado Madrid, deixará de se lembrar da *Puerta del Sol*, da *Calle de Alcalá*, da *Carrera de S. Jeronimo*, do *Pardo* e do *Buen Retiro*.

A animação das suas ruas e praças, não se esquece facilmente, porque tem uma vida tão communicativa, pela vivacidade de seus habitantes, que fixa bem na memoria dos visitantes.

As madrilenas, sobre tudo, não podem esquecer, e que o digam aquelles dos nossos compatriotas, que tem divagado pelas ruas de Madrid.

Mais animado, porém do que as ruas de Madrid, encontramos o *Buen Retiro*, onde por noites de verão a luz da Lua ou do gaz de dezenas de globos de vidro que povoam o jardim, conversam e discutem animadamente os politicos, os artistas, os militares, tomando chocolate ou café, enquanto n'outras mezas, conversam, não menos animadamente, as saherosas madrilenas, agitando os seus abanicos com a graça que só ellas sabem ter, com que captivam o sexo forte.

Vão pelos ares as rolhas do *Champagne*, evolvem-se espiraes de fumo das cigarrilhas e dos charutos, grande confusão de fallas, de uma verborrágica inesgotavel, ditos picantes, espirituosos, vivos, ouvem-se cantares, espanças de vida, porque tudo vive, velhos e moços, com o mesmo calor e vivacidade.

Noites do *Buen Retiro*!

Quem as poderá esquecer?

OS TITERES

(VULGARISAÇÃO)

(Concluido do n.º antecedente)

Os *burattini*, ou titeres, de Milão tinham fama em toda a Europa. Funcionava n'aquella cidade um certo Maximo Romanino, verdadeiro artista no genero. Elle só, sem auxilio de quem quer que fosse, dirigia as evoluções dos seus excentricos actores minusculos, e improvisava as peças por elles representadas com *ris* comica irresistivel, a dármos credito a tradição.

Alterava successivamente o metal da voz, conforme o sexo, idade ou condição de cada personagem, servindo-se para esse fim, da *pivetta*, instrumento semelhante a palheta do clarinete. D'então para cá, o invento generalizou-se. — Os *burattini* do *Massimino*, eram, ao que parece, ainda do primitivo systema, bonequinhos ócos, que o titeriteiro enfiava na mão, imprimindo-lhe com os dedos movimento á cabeça e aos braços. — Das comicas figuritas, os espectadores apenas viam dois terços do corpo, cuja parte inferior o palco, ou successivas tiras paralellas que o suppriam interceptavam ao publico. — É o typo vulgar e tão conhecido da *marionette* — o *theatro Guignol* — o *Punch* e *Judy* — o *theatrinho* das nossas feiras; que, a pretexto de divertir as creanças, consegue arrancar tão espontaneas gargalhadas aos adultos.

O *Massimino* enriqueceu, porém, e com a sua indole de artista, empregou o melhor de seus cabedais no aperfeiçoamento da especialidade que cultivava — transformou os seus *burattini* e creou os *fantoccini* — por corruptela franceza *fantoches*. Montou um *theatro* de manequins automaticos assaz completo, cujas figurinhas eram construídas pelo systema seguinte: — As cabecinhas e parte do tronco eram ócos e feitos de pasta de papelão — *carta pesta* — os quadris e o peito, de madeira; braços de cordão entrançado, e as pernas de chumbo, afim de se poderem equilibrar, nas respectivas evoluções. — Eram movidos por um systema de arames, engenhoso quanto simples, e funcionavam com extrema perfeição. Na embocadura do proscenio do *theatrinho* estava

disposta uma rede, ou quadricula de finissimos fios de arame, cujo fim unico era o de illudir a vista do espectador, desviando-lhe a attenção dos arames, que governavam os movimentos aos bonecos.

Mr. Jalle, viajante francez, cita um espectáculo de *fantoccini* que em 1734 presenciara em Genova, no celebre *theatrinho delle Figne*, onde, alem de uma peça de assumpto guerreiro, tivera occasião de admirar um bailado — em que as bailerinasi-nhas artificiaes davam saltos, faziam *terças no ar*, piruetas, *punté*, evoluções choreograficas, em summa, tão perfeitas «que melhor as não fariam, de certo, quaesquer Guimard ou Sofia Arnoult.» Era indiscutivel, «diz o nosso viajante», o entusiasmo dos espectadores e, durante as repetidas chamadas, assaz curioso observar a graça e os requiebros com que, sorrindo, baixando modestamente os olhos e pondo a mão sobre o coração, as diminutas *Therpsychores* agradeciam com suas mesuras os applausos do publico.

Tinham, pois, os titeres attingido, na Italia, elevado grau de perfeição; a sua forma mais primitiva era, contudo, ainda a mais popular; em toda a parte o «gracioso» da *companhia*, quer se chamasse *Hampelman*, *Hanswurst*, *Kasperle*, *Arlequin*, *Deucalion*, *Pulcinella*, *Punch*, *Clown*, *D. Custodio* ou *João de las Vinhas*, constituia sempre o maior atractivo do espectáculo. Mixto de truão e de tunante incorrigivel, tinha a mão leve — liquidava invariavelmente as alhadas diabolicas em que se envolvia, ou antes, em que envolvia as suas victimas, distribuindo bordoadas, a torto e a direito, partindo indifferentemente, asca-cetadas, panelas ou pucarás — tudo isto nas barbas da auctoridade, que quasi nunca levava a melhor e apanhava tambem a sua conta, saindo-se, já se vê, o terrivel valdevinos, sempre ás maravilhas das mais fabulosas e arriscadas empresas... andando como se costuma dizer, por cima de toda a folha... com notavel prejuizo das caximónias do seu proximo... de papelão e com grande gaudío do publico. A popularidade da multipla personagem, apesar da actual decadencia do *theatrinho* forense, é muita ainda, e o typo, pouco ou nada attenuado em suas variantes, subsiste em nossas dias: temo lo por cá, tambem, e com feição local, em algumas provincias; dando se, aliás, entre nós a perpetuação de uma antiga usança que alguns paizes conservam ainda — os espectaculos de titeres constituia especialidade hereditaria em certo mestères: Em Evora, por exemplo, a classe dos sapateiros accumula com o respectivo officio a funebre profissão de *gato pingado*, e os artistas do tira-pe, para não verem só lagrimas, lá vão fazendo rir o proximo, de vez emquando, com os seus titeres, os celebres bonequinhos de Santo Aleixo. — Em outras localidades os titeres estão sob a invocação d'outros santos, como por exemplo, nos arredores de Lisboa, os bonecos de S. Torquato — complemento inseparavel não só das festas populares como tambem dos dias de brodio, nas quintas e herdades suburbanas. — O *theatrinho* popular hitorcou-se, como vimos, em dois generos distinctos, o titer, *burattino* ou *marionette* ficou sendo o que era; do seu rival mais ambicioso, porém, do automato ou manequim articulado, o *fantoccino*, surdiu o *theatro* mechanico, com os seus espectaculos de *fantocci* ou *androydos*, o qual, mediante as suas aspirações mais artisticas, veio gradualmente a fornecer contingente importante ás maravilhas da arte theatral.

Cada um d'estes *theatrinhos* mechanicos é, por assim dizer, a *macchieta* ou modelo reduzido em que machinistas e pintores (*scenographos*, como hoje se dizem, em que pese ás boas regras etymologicas) experimentam suas talentosas combinações, e onde não raro se realisam effeitos scenicos, deslumbrantes, milagres de perfeição imitativa, inatingiveis, alguns, pela muita difficuldade, aos palcos embóra perfeitissimos dos melhores e mais bem construidos theatros. Devemos tambem lembrar-nos de que o empresario de titeres, mais feliz que os seus collegas que dirigem companhias de carne e osso, está ao abrigo dos caprichos e das exigencias dos artistas — não tem de pagar a companhia — não lhe enrouquecem os tenores, desconhece portanto os contra annuncios — nem, tão pouco, se prende com o receio de arriscar vidas. Nos casos de accidente, resultando de machinismos complicados, de transformações ou de tramoiás perigosas, a cirurgia, a pharmacotheia, applicadas aos seus *escripturados* são mais simples e mais baratas.

Encontramos pois, a verdadeira origem dos grandes bailados modernos n'esses *colyseus* em miniatura; o Romanino, portanto, ou o seu concorrente genovez, cujo nome não ficaria talvez registado nos annaes do *theatro* foi o legitimo precursor dos *Vestris*, *Blasis*, *Perrots* e outros re-

putados *choreographos*. — As arlequinadas com musica vocal e instrumental concorreram tambem para o desenvolvimento da opera italiana.

O meado d'este seculo presenciou a decadencia dos titeres, decadencia que deve attribuir-se aos progressos do legitimo *theatro*, dos espectaculos do circo e de outras variadissimas diversões que, pouco a pouco, os vieram substituindo no favor publico. Não devemos, porém, levantar mão do assumpto sem que façamos menção de um titeriteiro, o qual durante muitos annos, devido á sua inexgotavel veia comica, gozou de fama europeta — o celebre *Schwiegerling*. — Que a arte ou o mister do titeriteiro não deve ser contada no rol das coisas faceis: simultaneamente actor, actor invisivel, machinista, ensaiador, contra regra, empresario, musico e até *pyrotechnico*, ainda por cima luta com uma difficuldade seria á qual escapam os seus collegas do *theatro* a valer, a falta de repertorio impresso, coisa inteiramente desconhecida nos *theatrinhos* de titeres: as peças constituem tradição oral, que anda nas familias e se transmite de geração em geração — quantas e quantas vezes não terá o titeriteiro de appellar para a memoria, de improvisar esses lances tão excentricos e verdadeiramente comicos, esses ditos e trocadilhos; de recorrer, em summa, ao estro e ás proprias faculdades inventivas; quantas e quantas vezes tambem lhe não terá succedido, sahir se da difficuldade por forma a causar inveja aos seus collegas, que exploram generos bem mais considerados na republica das letras!

Convém, no entanto, fazer justiça ao publico, que, pelos modos, não se tem mostrado ingrato com aquelles que tão bem o sabiam divertir — e a tradição reza de mais de um d'estes modestos empresarios de bonequinhos, d'estes humides pelotiqueiros que conseguiram enriquecer.

Romanino e *Schwiegerling* encontraram um rival em Inglaterra, *Thomas Holden*, como elles pelotiqueiro, saltibanco d'estes que andam pelas ruas e praças publicas, a engulir facas, espadas, etc. Metteu-se lhe, um bello dia em cabeça, transformar o seu *theatrinho* de feira em espectáculo á altura da gente fina e mais grãdua. Fez construir um elegante *theatrinho* que por muito tempo exhibiu com geral applauso, nos melhores theatros de Londres e das provincias. A coisa entrou em moda e Holden enriqueceu. Aperfeiçoando quanto poudes bonequinhos e a respectiva acção scenica, decorações, machinismos, etc. — empreheu viagens com elles, por toda a Europa, sempre com o melhor exito. Os filhos *Julio* e *James Holden* são actualmente considerados como os mais habéis especialistas d'este genero. Dois discipulos de Holden, *Barnard* e *Winn*, empresarios como aquelle, de um *theatrinho* mechanico assaz reputado, muito concorreram tambem para o aperfeiçoamento do *theatro* de automatos, cujos machinismos conseguiram simplificar, com notaveis vantagens, no sentido pratico, já restringindo o seu pessoal artistico a reduzido numero de figuras, já concentrando a acção em uma figura unica, afim de obterem resultados mais perfeitos.

Escusado será dizer, que tanto estes como outros especialistas são em extremo ciosos dos seus inventos; cada um guarda os seus segredos com vigilancia apenas comparavel á dos *arcanistas* ceramicos das celebres fabricações de porcellana do seculo passado.

O *theatro* mechanico da familia Holden é conhecido em Portugal — o do pae, *Thomas Holden*, haverá pouco mais de trinta annos, foi, durante alguns mezes, as delicias e o encanto do curioso allucinha. Posteriormente, e se a memoria nos não falla, os filhos do celebre machinista exhibiram os seus artistas automaticos nos *Recreios Whitoyne*, com applauso do publico.

E na verdade, entre taes espectaculos, alguns ha verdadeiramente inexcusaveis. Assistindo, por exemplo, á celebre tempestade e naufragio do *theatro* de T. Holden, o espectador, illudido a vista, por meio de habéis pontos de referencia, manejados com sciencia e arte consummada na perspectiva scenica perle, passadas as primeiras impressões, a noção exacta do tamanho quer das coisas quer das figuras, e segue com interesse palpitante as manobras e os esforços desesperados dos minusculos e arrojados marinheiros: involuntariamente chega a esquecer que os infelizes naufragos, sumindo-se nas ondas, nem se afogam...

nem sequer se desgrudam — e applaude com tão sincero entusiasmo, como se estivesse admirando a dramatica e pathetica pantomima de actores verdadeiros.

Não eram menos surprehendedes de illusão os pequeninos acrobatas com seus equilibrios e saltos mortaes, os jogos malabares, as pantomimas comicas de grande espectaculo; os bailles e bailados, e um celebre ensaio de musica concertante, em que mestre de capella e musicos, por não se poderem entender, acabavam a pancada com os instrumentos, lance burlesco verdadeiramente irresistivel.

Entre os primores de invenção e de engenho realçados até hoje, pelo theatro mechanico, nenhum excede talvez esses tão famigerados «Christie Minstrels» — do já citado Winn, imitação verdadeiramente extraordinaria dos cantores populares de raça negra, nos Estados unidos. — Custa a crer, sabida a singeleza dos artificios mecanicos compatíveis com semelhante genero, que se possa levar tão longe a imitação da natureza.

Effectivamente, os meios que se empregam quer para mover as figurinhas, quer para as mutações e transformações do scenario, obedecem a principios de extrema simplicidade, porque é mister que se saiba que, no theatro, os methodos de excessiva complicação, produzem quasi sempre resultados falliveis. São simples os artificios, não ha duvida, e no entanto, mal se imagina quanto é difficil e delicada a arte de dirigir os movimentos das figurinhas automaticas.

O titereiro machinista, no exercicio das suas funcões, tem pendurada ao pescoço uma peça de metal ou de madeira, quadrada ou triangular, da qual partem os innumerables fios que vão prender nas figurinhas e que, no seu conjunto, fazem lembrar o machinismo interno de qualquer piano. O artista vai dedilhando alternadamente por entre esse dedalho inextricavel de fios e de arames de variadas cores e grossuras, ás vezes, com rapidez vertiginosa, com a firmeza e a segurança infallivel do mais consummado pianista. Imaginem, além da superior virtuosidade, quanta attenção lhe não é precisa!

De mais a mais, tendo ainda que recitar o dialogo dos seus actores e de ir regulando o funcionamento dos machinismos e tramoiás respectivas ao scenario!

Sabidas as contas, é bem certo que o officio de divertir o proximo nem sempre é tão facil ou tão alegre como, á primeira vista, parece, — e eis ahí, talvez, o motivo porque quasi todos os clowns são homens tristes.

Pin. Sél.

PORTUGAL EM 1760

Badajoz, 22 de setembro, á noite

XXI

Ora, ainda bem que estou para deixar estas terras; porque, se houvesse de ter aqui alguma demora, apesar dos annos que gritam juizo, juizo, perderia de certo a cabeça, e a minha pobre philosophia, que me conservou dois lustros frio como gelo contra a bellissima belleza das encantadoras inglezas, seria indignamente trucidada por aquelle bastardo treiloucado do Amor. Mas sigamos a historia de Elvas com o devido methodo e sem anachronismos. Esta manhã, eram nove horas, não podendo pregar olho por ter a mente demasiado exaltada de ver as danças, e ainda com a muita escripta, saltei para fora das moribundas pennas do colchão, compuz um tanto a minha pessoa, dirigi-me para o tremulo casarão, onde vi que já muitos homens e as quatro hespanholas estavam tomando juntos uma refeição com azeítonas e com uma certa comida para mim desconhecida, mas que me pareceu carne salgada, e que perfumava toda a casa com um cheiro pestilento; todavia, aquella gente comia com um gosto que nem um abbadesito parisiense, que tivesse defronte de si uma perdiz ou um perdigoto. A minha chegada, os homens acenaram-me com dois dedos para me sentar, e as mulheres saudaram-me apenas com uma leve inclinação de cabeça, e ofereceram e recusaram aquella extranha collação com expressões reciprocamente cortezes, tratei de ir fazer a barba a um dos lados da casa. Comida e barba feitas, houve outra pequena data de dança e canto ao som das guitarras, enquanto os outros homens, como eu já tinha feito, se estavam barbeando em publico, sem nenhuma cerimonia,

pois aqui vive-se á laia dos kalmuks e dos tartaros, quero dizer, como vivem os kalmuks e os tartaros, que, sendo povos incultos e barbaros, é de crer que vivam sem attencões e ceremonias, e não façam tantos tregeitos como o Galateu¹ desejava que fizessem os christãos para merecerem a denominação de bem creados. Chovia a cantaros; mas, nem por isso, terminada a dança, aquellas mulheres deixaram de querer fazer uma visita não sei a quem. Não é preciso dizer-vos, irmãos, como durante todo o tempo da festa antecedente eu tinha contemplado talvez com insistencia algum tanto excessiva os refulgentes diamantes d'aquelles olhos que a irmã da Catalina tem no rosto, e que a feiticeira me mostrou com uma meia duzia de olhadelas maliciosissimas, como tambem ella tinha notado a preferencia que eu lhe dava até sobre a sua formosissima irmã. Quasi que quieria ainda acrescentar que, indo ver o fogo de artifício, senti um leve beliscão no braço, assim entre a obscuridade e a chuva. Mas basta, que as taes mulheres quizeram ir fazer não sei que visita, e por isso os homens que lhe pertencem lá foram primeiro a descer a escada, e ellas os seguiram, de maneira que fiquei por um momento sózinho na casa; eis senão quando a minha morenita de Badajoz, que ainda não tinha chegado ao ultimo degrau da escada, fingindo ter-lhe esquecido alguma cousa no seu quarto, volta para cima com velocissima ligeireza, vem direita a mim, dá-me um belisco debaixo da barba, e diz-me em voz baixa ao ouvido: *Dios te de mil años de bien, extranjero.*

Não encontrando resposta prompta a essas palavras, em troco dei-lhe um beijo na boça, outro no olho direito, outro no esquerdo, e antes que pudesse ser senhor de mim e tomar folego, aquella celestial marota tinha escapulado de deante dos olhos, como desaparecem os dardos e os raios. Foi-se, meus irmãos, e deixou-me não vos posso dizer como! Oh! triste de mim, como ella me deixou! Se a primeira hespanhola que vi, ainda antes de pôr os pés na Hespanha, d'esta maneira cruel revolveu o meu interior, que farei eu, pobre de mim, para levar para casa o coração sem o ter todo crivado? Comtudo, eu tenho de atravessar toda esta Hespanha, e se, como é provavel, ha muitas Catalinas de Badajoz a Madrid, e de Madrid a Barcellona, e de Barcellona aos Pyreneus, quem me fornecerá todo o gelo philosophico que me é necessario para me conservar frio como deve ser um viajante, e especialmente um viajante que passou além do anno quadregésimo? Oh Seneca moral, oh Boecio, oh vós barbados sabichões antigos e modernos, porque não me valeis, oh traidores, com as vossas sabias sentenças e respeitabilissimos proverbios, n'esta perigosa viagem de Hespanha, onde a natureza sem o auxilio da arte ensina ás irmãs das Catalinas, e talvez ainda ás mesmas Catalinas, a deitarem a perder n'um momento até os cavalheiros de quarenta e um annos? Ensinai-me vós, ó gente de cabellos brancos, o que hei de eu fazer agora para tirar da imaginação aquella que esta manhã se me sumiu da vista para sempre! Para sempre? Oh pensamento que chega a regelar a alma toda! Pois não é necessario ter um coração de pedra e uma alma de bronze para poder supportar sem fremitos de horror a idea de nos separarmos para sempre ainda dos objectos menos caros e menos agradaveis? Imagina, pois, o que se passa em ti, quando te acontece deixar para sempre uma filha de Eva, á qual, para servir á concatenação do genero humano, approve a Creador de todas as cousas fazer herdeira d'aquella força que induziu Adão a erguer a mão para o fructo prohibido! Feliz quem pôde, quando a razão lh'o ordena, resistir a essa immensa força! Mas, embora muitos se gabem de ser muralhas de ferro contra as marradas de tão formidavel ariete, estou pouco disposto a dar-lhes fé; e, quando muito, creio n'essas suas bravatas, quando por qualquer signal os conheço por estupidos ou por loucos. Todavia, agora não se trata de esmerilhar se ha ou pôde haver taes homens fortes, pois ainda tenho de escrever outras cousas esta noite. Basta ver-me privado com extremo pesar d'aquella amabilissima hespanhola, á qual retribuio de bom grado o seu terno auspicio; sim, de bonissimo grado lh'o retribuio. E aqui, meus irmãos, dando com esforço uma volta ao miolo para o virar para outra parte, faço as minhas despedidas áquelle anjinho e a sua formosissima irmã, e ato o fio ao discurso.

A longa vigilia do dia antecedente foi causa de me resolver a não partir senão tarde, e de andar só as tres leguas que de lá vão até aqui. Subimos para a caleça ás tres horas depois do meio dia,

não obstante a chuva que desahava já a torrentes. Tendo jornadaado cousa de duas horas, vadeámos o Caia, ribeira assim chamada, que separa Portugal da Hespanha; e, comquanto corra todo o anno pouco menos do que secca, todavia lavou a barriga ás mulas, tanto havia engrossado com a chuva, de sorte que perdi toda a esperanza de haver aquellas cantigas que a bella Catalina me tinha prometido, vendo bem que aos afortunados burricos, sobre cujo dorso tanto Catalina como a sua refulgente irmã deviam tornar para Badajoz, não era possível passar hoje o Caia sem se affogarem elles proprios, mais a Catalina e a presente sultana do meu coração. E eis que, contra o proposito feito, torno a nomear aquella de cuja seductora imagem tenho a imaginação demasiadamente repleta. Mas assim fazeis vós, oh meus irmãos, quando creis namorados.

Mil e mil resoluções,
Ludibrio das viações.

Transposta aquella torrente limitrophe, não me pude ter que não me alçasse em pé dentro da caleça, e voltando o rosto para o Portugal que tinha deixado n'esse momento: Oh portuguezes, portuguezes, exclamei, permitta Deus que nem o terremoto nem o Baretti nunca mais vos visitem, nunca mais! Eu vos perdoo as pedradas que me foram atiradas no valle de Alcantara...

Perdoo-vos tambem aquellas vossas malditas estalagens com suas malditissimas camas, que, se não vos torturam nem desconjuntam os corpos caninos, torturam e desconjuntam os dos estrangeiros que vem visitar o vosso paiz.

Tendo passado o Caia e entrado em Hespanha pulou-me o coração de alegria por ter pelas costas esse deserto e desprazivel reino luzitano. Ao penoso trabalho de o atravessar succedeu a esperanza de encontrar este de Hespanha menos mau; e não foi em vão que assim o esperei, porque ao chegar a Badajoz encontrei a posada (aqui já se não diz estalagem) com bom sobrado e boa cama, se não sufficientes para cavalheiros, ao menos, sem comparação, melhores do que essas portuguezas camas de cão. Os moveis d'esta posada de Badajoz, a falar verdade, não são lá muito mais maravilhosos do que os das estalagens. As mesas balancam aqui como lá, e as cadeiras de pau são aqui como lá velhas e roídas do curunchinho. Os armarios, guardarroupa, cantoneiras e que taes alfaias são condemnados a ficarem além dos Pyreneus, ou ao menos mais para deante de Badajoz; e aqui, se alguém se quizesse ver ao espelho, não só o não encontraria, mas não poderia sequer recorrer a um utensilio que Berni honrou com um capitulo. As janellas aqui não se fecham com caixilhos de vidros, de panno ou de papel, mas com duas portas de madeira mal acabadas, e que deixam entrar o vento assim como a luz; e dizem-me que até Madrid, e ainda um pouco para lá, todas as posadas são pouco mais ou menos semelhantes a esta. Entra-se em Badajoz por uma ponte de pedra que me pareceu um tanto mais comprida que Westminster Bridge, isto é, a ponte nova de Londres, mas muito menos larga e menos magnifica; comtudo, é uma das bellas pontes que tenho visto, e de longe apresenta um lindo aspecto. E toda ladrilhada de pedras largas, que devem tornar commodo o andar por cima d'ella. E não me desagradou, chegando ao Guadiana, que passa por baixo, ver uma manada de vacas brancas como neve beberem n'aquelle rio, creio que seriam umas quinhentas, e não julgo que haja tantas em todas as provincias portuguezas do Alemtejo e Extremadura. Ao menos posso jurar que não vi sequer uma de Aldeia Gallega até o Caia; nem sei onde é que os portuguezes vão buscar os touros que matam nas suas festas, e os bois que puxam os seus carros chiadeiros: talvez os mandem vir de Hespanha. A entrada da referida ponte ha uma porta flanqueada por duas torrinhas redondas que produzem bello effeito á vista. Todavia, desagradou-me encontrar embusados por detraz d'aquella porta dois mariolas, cada qual com seu capote preto, e cobertos com uns chapéus do tamanho de guardasoes, que ao primeiro aspecto tomei por dois frades, mas conheci logo pelas falas serem dois malsins. Levaram-nos á alfandega, onde os bahus foram abertos e examinados, mas não remexidos sem cautella, como usam fazer certos mastins em muitas nações, especialmente em Inglaterra, ao desembarcar, onde, se aquella canalha t'a poder pregar, furta alguma cousa no acto do exame; e por isso é conveniente não perder de vista a bagagem, enquanto elles dão a busca. Este incommodo que

¹ Livro de civilidade escripto por monsenhor João da Casa.



RECORDAÇÕES DE MADRID — NO «BUEN RETIRO»

allí e em tantas outras partes do mundo se tem nas viagens é uma das muitas más consequências que derivam do mau proceder dos homens. A maxima parte do genero humano compõe-se de ladrões, e muitos tratam de defraudar o imperante dos seus direitos por meio de contrabandos; e quem cobra os direitos do soberano não pode ler no rosto a quem vae e vem com um bahu atrás da caleça se tem ou não intenção de fazer contrabando. A cordura d'aquelles dois malsins obrigou-me a apertar-lhes a mão; depois viemos para esta hospedaria de Santa Luzia, por ser menos má do que a da Soledade. Allí me barbeei, vesti uma camiza de folhos, encontrei-me para a cidade, e mandei um bilhete ao senhor cardeal Acciajuoli, pedindo-lhe que permitisse a um italiano de passagem por Badajoz ir beijar-lhe a sagrada purpura. Enquanto aguardava a resposta, entrou-me no quarto uma pessoa que encontrara o Baptista na rua, e, tendo o reconhecido por o ter visto em Lisboa, e perguntando-lhe como se achava allí, e ouvindo dizer que andava na minha companhia, e que eu em pessoa estava n'aquella cidade e n'aquella hospedaria, veio de subito ter comigo. Era o doutor Merosio, medico de sua eminencia, meu antigo conhecido milanez. Imaginae que alegria ao vermos-nos passados vinte annos! Tinhamos um milhão de cousas que dizer um ao outro, mas uma resposta benigna do senhor cardeal fez differir a reciproca narrativa d'aquellas aventuras que nos reuniam n'aquelle dia na margem esquerda do Guadiana. Merosio acompanhou-me a presença de sua eminencia, a quem approvei receber-me com aquella affabilidade principessa de que é tão prodigo; e, quando puz a seus pés os cumprimentos das freiras inglezas de Lisboa, entrou em

mil assumptos de conversação que me fizeram parecer a noite muito curta. Com sua eminencia estavam monsenhor Acciajuoli, seu sobrinho, e alguns outros cavalheiros italianos, os quaes todos desejam ardentemente trocar a cidade de Badajoz pela de Roma. E eu tambem desejaria como elles, se com elles estivesse, porque Badajoz não é residencia demasiado cardinalicia. A excepção de um conde da Roca, que é o governador, e dois ou tres officiaes que tem tido do mundo, não ha aqui ninguem com quem se possa exercitar um pouco a intelligencia, conversando; de maneira que a maior parte dos dias deve passar-se com muito aborrecimento; e depois, á noite, Deus sabe como se poderá dormir com socego! Felizes de nós, obscuros mortaes, que não temos, graças á nossa santa humildade, outros cuidados que perturbem o nosso somno senão a dureza de um colchão ou um pensamento da irmã de Catalina! Amanhã o sr. Eduardo e eu temos tenção de fazer o mesmo que fizemos hoje, isto é, de não andar mais de tres leguas para nos restabelecemos um pouco da fadiga que temos supportado até aqui; pelo que amanhã palrarei toda a manhã com o doutor Merosio, e partirei á tarde, depois de jantar. Entretanto, adeus.

Alberto Telles.

Uma pagina da Historia Ultramarina

(Concluido do numero antecedente)

Encontrou-me ainda na Huilla o governador de Mossamedes, e depois d'alguns dias quando eu esperava que ao retirar para Mossamedes a força me acompanhasse, foi esta mandada retirar para aquella villa, ficando eu á retirada á mercê do bandido pronunciado.

Vi-a partir e o governador sem reclamar contra essa resolução, com essa indifferença pelo perigo, que caracteriza a existencia no ultramar. Terminada a correição saiu da Huilla, completamente desarmado, e forte apenas dessa força moral que dá a consciencia do

cumprimento d'um dever, e o objectivo d'uma alta missão de justiça social.

Saberia o bandido que eu levava o arrojo ao ponto de demandar a estrada e o que é mais de penetrar no Chibingiro, onde elle facilmente poderia cumprir a ameaça que havia feito de me tirar a vida?

Teria eu a consciencia de que o prestigio da auctoridade seria bastante para fazer abaixar a clavina do assassino sobre a minha cabeça?

Não são raros estes golpes d'audacia na vida aventureira do funcionario civil nas inhospitas terras d'alem mar, e ainda ultimamente, acompanhado apenas de quarenta praças Mousinho d'Albuquerque, se atrevia a ir n'um golpe audacioso e unico na historia capturar o potentado Africano, que punha em cheque a nossa soberania, e o nosso prestigio. E fel-o não por ignorar o perigo que corria, mas por querer jogar essa carta, que se perdida aniquilava para sempre a nossa influencia, nas duas Africa, e provocava a cobiça da Europa, que aguarda a nossa mutilação, como nação colonial de primeira ordem, como cubica o desmembramento da Turquia, se ganha, restabelecia perante o mundo os nossos creditos militares e mantinha intactas as nossas gloriosas tradições.

A alguns passos do Chibingiro, a esposa do bandido, veio lançar-se aos meus pés, com seus filhos pedindo-me o perdão do criminoso.

Respondi-lhe que só os tribunaes superiores pederiam decidir da sorte de seu marido; e penetrando na morada do chefe dos salteadores, fiz uma minuciosa busca, encontrando algumas pretas acorridas, que mandei pôr em liberdade.

Ainda dista algumas horas de marcha o Chibingiro da villa de Mossamedes.

¶ E' certo que transpuz esta distancia pernoitando na estrada, sem nunca me passar pela mente, que a minha vida e a dos empregados judiciais corriam tão grande perigo.

Chegado a Mossamedes, logo depois da minha chegada, o governador mandou o alferes Santos com 70 praças em perseguição do criminoso, com ordem de o capturar, ou matar se elle resistisse; e o alferes encontrando-o armado com os bandidos que o acompanhavam nas suas depredações, tomou sobre si a responsabilidade de o fusilar.

Foi assim que os factos se passaram, e sem a menor responsabilidade da minha parte, que preferiria que sobre a cabeça do criminoso caísse o gladio da justiça do que a execução summaria por aquelle meio.

Pedindo a inserção d'estas linhas no seu acreditado jornal, sr. redactor folgo de me assignar com a mais alta consideração.

De v. etc.,

Dr. A. M. de Tavora.



Recebemos e agradecemos:

Diccionario Illustrado, para uso de portuguezes e brasileiros por Francisco d'Almeida. Lisboa.

Vae já na caderneta 19, alcançando a pagina 608, que trata da letra D. Illustrado profusamente apresenta-se curioso e agradável, merecendo esta utilissima obra toda a protecção do publico.

No seu papel de diccionario biographico apresenta grande numero de retratos dos homens mais em evidencia e de maior valor. Taes como: Julio Dantas, dr. Cunha Bellem, Miguel Dantas, etc., etc.

Revista Moderna, semanario illustrado. Director gerente. Emygdio Monteiro. Lisboa, 1894. N.º 37, 38 e 39.

Esta graciosu publicação alcança já ao n.º 39, continuando sempre a manter o seu programma. Entre as gravuras e artigos que formam os numeros presentes destacamos as seguintes como mais valiosas:

Nos Pyrenéos, por H. Taine. — Noite de luar (conto), por Sacher-Masoch. — Concertos de musica de camera, por Amiel. — Perolas e camapheus (versos), por Alvares d'Azevedo. — Prosas de João de Deus: A emigração, por João de Deus. — A exposição do gremio artistico, por João Sincero. — Ivanhoé (romance), por Walter Scott. — Variedades: Echos e noticias — Passatempos.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS A EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está no prelo e acceptam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis

Recebem-se desde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 2º